

Cid Seixas e Adriano Eysen
(Org.)

ORPHEU EM PESSOA



Simpósio Internacional 100 anos da revista *Orpheu*:
Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

ORPHEU EM PESSOA

O centenário da revista *Orpheu* permitiu-nos visitar, neste ano de 2015, a história de uma publicação de apenas dois números, formada por jovens rapazes. Não obstante a sua brevidade, *Orpheu*, fez com que a literatura escrita em português, e nomeadamente a poesia portuguesa, não mais voltasse a ser a mesma.

Essa e outras questões, sobre uma geração que teve como centro constelar o poeta Fernando Pessoa, são tratadas neste livro que é uma reunião de alguns trabalhos apresentados ao SIMPÓSIO INTERNACIONAL 100 ANOS DA REVISTA *ORPHEU*: FERNANDO PESSOA E AS POÉTICAS DA MODERNIDADE.

São ao todo dez autores que apresentam diferentes enfoques dos temas abordados.

Claros enigmas: o mistério das cousas em Pessoa e Drummond

Alana El Fahl

Universidade Estadual de Feira de Santana

1 DOIS POETAS ATRÁS DOS ÓCULOS E DOS BIGODES

Carlos Drummond de Andrade, em seu livro derradeiro, *Farewell* (1987), legou-nos, entre outras relíquias, uma espécie de inventário artístico variado no qual homenageia, através de alguns poemas, referências culturais de sua predileção. *Os 27 filmes de Greta Garbo*, *Arte em exposição* e *Imagem, Terra e Memória* são, respectivamente, homenagens a sua musa do cinema, aos seus quadros preferidos e a uma coleção de fotografias.

Algumas de suas influências poéticas não podiam se ausentar desse rol. Com Camões, o poeta mineiro foi mais sutil, não há citação direta do seu nome, mas inicia e nomeia o soneto *A grande dor das coisas que passaram* (1998, p.18) com um verso do poeta clássico português, aderindo ao seu estilo, tema e forma em todo poema. Já com Fernando Pessoa, a homenagem é flagrante. Em *As identidades do poeta* (1998, p.38-40), poema de nove estrofes, o poeta mineiro busca compreender,

embalde, quem era o poeta português. Vale destacar que as oito primeiras estrofes são construídas através de perguntas, explicitamente encerradas com interrogação. Apenas a última encerra-se com um ponto final. Seguem os primeiros e os últimos versos do longo poema:

*De manhã me pergunto:
Com quem se parece Fernando Pessoa?
Com seus múltiplos eus, expostos, oblíquos em véu
[de garoa?
Com tripulantes-máscaras de esquiva canoa?
Com elfo imergente
Em frígida lagoa?
Com a garra, a juba, o pelo amaciado
de velha leoa?
(...)
À noite divido-me:
Anseio saber,
Prefiro ignorar
Esse enigma chamado Fernando Pessoa.*
(Andrade, 1998, p. 38-40)

Como sugerem os versos, sustentados por imagens inefáveis que remetem à outras imagens igualmente eclipsadas, talhadas em forma ora mais livre ora mais regular, sobre Pessoa pairam mais perguntas que respostas e a única afirmação do poeta mineiro é sobre a permanência do enigma. Na segunda estrofe do poema surgem outras metáforas que continuam a alimentar a ideia do enigma: “feixe de contrastes”, “união de chispas” ou ainda “catedral ausente de cardeais”.

Podemos afirmar que entre Drummond e Pessoa há muitas convergências, sejam de ordem temática ou no campo da experimentação formal. Ambos debruçaram-se sobre o papel e aceitaram o desafio da metapoesia e das faces ocultas sob a face neutra das palavras. Entre os muitos Carlos, Josés, Álvaro e Ricardos construíram um legado poético que ainda confere orientação para o nosso tempo.

Muito antes de *Farewell*, em *Claro Enigma*, livro de 1951 em que explora a veia da própria poesia e suas múltiplas possibilidades, Drummond já declarava sua admiração e inquietação pelo poeta luso:

SONETILHO DO FALSO FERNANDO PESSOA

*Onde nasci, morri.
Onde morri, existo.
E das peles que visto
muitas há que não vi.*

*Sem mim como sem ti
posso durar. Desisto
de tudo quanto é misto
e que odiei ou senti.*

*Nem Fausto nem Mefisto,
à deusa que se ri
deste nosso oaristo,*

*eis-me a dizer: assisto
além, nenhum, aqui,
mas não sou eu, nem isto.*

(Andreade, 1987, p.250)

O falso sonetinho, falso e diminuto apenas no título, a um só tempo louva e explora alguns dos pontos principais da poética pessoana, como a despersonalização do sujeito, o duplo que nos habita ou ainda, o isto e o aquilo com os quais convivemos. Traz à tona o eixo filosófico de inquirição do humano que tanto se corporifica nos dois poetas. É como se o eu-lírico assumisse a voz pessoana e se autoexaminasse através desse misto de monólogo e diálogo (oaristo, conversa íntima) que traz à cena poética a tradição literária do dilema representado por Fausto e Mefisto. A busca de identificação encontra rima, mas não encontra solução como bem diz o último verso: “mas não sou eu, nem isto.”

Sobre esse aspecto da obra pessoana, que também se aplica a algumas muitas páginas de Drummond, afirma Leyla Perrone-Moisés:

Mas o grande nó, que Pessoa atou e desatou, para mostrar os fios múltiplos de que é feito, foi o nó do sujeito. Dividindo-se em vários “eus”, Pessoa exibiu a falha sobre a qual assentamos nosso ser, como ser de linguagem. Deixando esses diferentes “eus” como elementos autônomos de um conjunto aberto, parte de um todo incognoscível, assinalou a fragmentação ontológica do sujeito moderno. (PERRONE-MOISÉS, 2000, p.149)

Esses dois homens por trás dos óculos e dos bigodes continuam a nos inquietar e a provocar interesse em desvelar os seus não tão claros enigmas. Dentre tantos pontos de aproximação entre esses dois poetas modernos, alimentados pela tradição e pela experimentação de formas diversas de poesia, fiquemos aqui com o mistério, ou com a incapacidade de apreensão do todo,

ou do incognoscível, como nomeia Perrone-Moisés. Ambos mergulharam nas profundezas da impossibilidade do conhecimento, do saber, da revelação dos mistérios, mas em terreno movediço se lançaram, deixando-nos poemas memoráveis sobre esse motivo poético.

2. TUDO É OCULTO NA PORTA DA VERDADE

A busca de entendimento das engrenagens do conhecimento fazem-se presentes em Fernando Pessoa, ortônimo e heterônimo. Para Benedito Nunes (1969), um dos principais pilares da obra pessoana é a oposição entre sentir e pensar, ponto de onde derivam vários afluentes de sua poética. Esse binômio “sentir-pensar”, próximo dessa busca debalde por compreensão, atravessa seus versos de variadas formas. É possível pinçar aqui, ali, acolá e adiante, tanto nos seus outros como nele mesmo, versos que exploram essa vontade latente de compreensão. Cenário semelhante é também visto em poemas drummondianos. Vejamos um poema de uns e do outro:

NATAL

*Nasce um Deus. Outros morrem. A verdade
Nem veio nem se foi: o Erro mudou.
Temos agora uma outra Eternidade,
E era sempre melhor o que passou.*

*Cega, a Ciência a inútil gleba lavra.
Louca, a Fé vive o sonho do seu culto.*

*Um novo Deus é só uma palavra.
Não procures nem creias: tudo é oculto.*
(PESSOA, 2014, p. 92)

PERGUNTAS EM FORMA DE CAVALO-MARINHO

*Que metro serve
para medir-nos?
Que forma é nossa
e que conteúdo?*

*Contemos algo?
Somos contidos?
Dão-nos um nome?
Estamos vivos?*

*A que aspiramos?
Que possuímos?
Que relembramos?
Onde jazemos?*

*(Nunca se finda
nem se criara.
Mistério é o tempo
inigualável.)*
(Andrade, 1987, p.248)

Em *Natal*, publicado em dezembro de 1922, a provocação poética já se inicia pelo título. O símbolo do nascimento de Cristo e de renovação na sua crença é tomado para relativizar o valor eterno da verdade. A

primeira estrofe através da sucessão temporal de novas verdades, que se encarregam de encadear novas crenças, desestabiliza o caráter absoluto de uma única certeza. A segunda estrofe tem o papel de aprofundar o tema de forma mais pragmática. Através de vocabulário objetivo, dispõe de forma equânime a incapacidade da fé e da ciência em oferecer respostas definitivas. Pondo na mesma balança tanto a fé quanto a ciência (grafa ambas com maiúsculas), questiona a veracidade desses dois polos, considerados como formas opostas de entendimento do humano.

O eu-lírico aproxima a impossibilidade de aceitação das explicações oriundas da Ciência e da Fé, uma cega, outra louca, lançando nosso olhar para o seu único campo possível, o da linguagem: “Um novo Deus é só uma palavra”. Os versos finais do curto e eloquente poema têm o papel de encerrar a discussão, de apaziguar a busca através da aceitação do mistério. Se tudo é oculto, que nos cabe questionar?

Já Drummond, introduz temática semelhante com suas dez perguntas encadeadas através de versos muito curtos que vão nos dirigindo para a estrofe final, a única composta por uma afirmação. Afirmação essa justamente para aceitar novamente a impossibilidade de soluções e, para tanto, usa também o termo mistério, mistério que persiste num tempo contínuo, representado pelos verbos *finda* e *criara*.

Vale ainda destacar no poema o seu título *sui generis* que explora a imagem do cavalo-marinho, tanto no seu significado, ser híbrido cercado de lendas e fantasias, quanto na forma do poema que se aproxima da silhueta

do animal e também sugere a forma do ponto de interrogação. Cada pergunta traz como linha de força um termo que cerca aspectos cruciais da existência humana, que vão do *medir* ao *conter* até o *relembrar*, *aspirar* ou *jazer*, numa espécie de gradação que circunscreve nossas principais angústias.

Ressalta-se que esse poema também é de *Claro Enigma* (1951), como já dito, livro com diversas explorações acerca da poesia. É mister lembrar que tanto Pessoa como Drummond contornaram em sua poética a presença da metalinguagem, cremos que porque ambos buscavam para além de escrever poemas, refletir sobre os meandros da própria constituição artística e do papel do leitor nessa relação, versos como “sentir, sintá quem lê” ou “trouxeste a chave” ratificam esse viés de suas poéticas.

A propósito de encerrar essa nossa reflexão, chamaremos outro poeta que certamente discordaria do que aqui dissemos, pois para ele o único mistério é haver quem pense no mistério:

“Constituição íntima das cousas”...

“Sentido íntimo do universo”...

tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.

É incrível que se possa pensar em cousas dessas.

É como pensar em razões e fins

Quando o começo da manhã está raiando, e pelos lados
[das árvores

Um vago ouro lustroso vai perdendo a escuridão.

(PESSOA, 2009,p.40)

Pois traindo visceralmente o nosso Alberto Caeiro, vamos aqui todos teimando em continuar a desvelar os mistérios de Fernando Pessoa no final dessa manhã. E como essa tarefa é infinda como aquele terração, sairemos como Drummond com mais perguntas que respostas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova Reunião*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1997.

_____. *Farewell*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998.

NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. Série debates. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Inútil poesia*. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.

PESSOA, Fernando. Obras escolhidas. Jane Tutikian(org) Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.

_____. *Quando fui outro*. Luiz Ruffato (org). Rio de Janeiro: Alfaguara Editora, 2014.

ORPHEU EM PESSOA

Cid Seixas e Adriano Eysen
organizaram este volume a partir
dos trabalhos apresentados ao
Simpósio Internacional 100 anos da Revista *Orpheu*:
Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade.

Com este livro,
mais um grupo de estudiosos
brasileiros e estrangeiros
integra-se ao esforço reazidado
no processo de consolidação
da Editora Universitária do Livro Digital,
empreendimento destinado a oferecer
à comunidade publicações de real valor
e acesso inteiramente gratuito.

Mais um trabalho com o selo de qualidade

e-book.br